

O Último dos Moicanos, Uma Aventura no Estudo da América

Alômia Abrantes*

RESENHA: James Fenimore Cooper. *O Último dos Moicanos*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

Aventura, poesia, violência, imaginação e história. Estes são alguns dos elementos que estão à disposição do leitor em *o Último dos Moicanos*, romance considerado a obra máxima do norte-americano James Fenimore Cooper. Aproximando ficção e realidade, o livro condensa o espírito da chamada "Guerra dos Sete Anos" (1763), quando colonos e soldados à serviço da Inglaterra se confrontaram com os franceses em território americano. Neste contexto, as personagens criadas espelham a mentalidade de uma época que, por muito tempo, a História povoou de heróis e vilões.

Como herdeiro dos "fronteiriços" - homens que habitavam e ampliavam as fronteiras das colônias inglesas na América - James Fenimore Cooper (1789 - 1851) nasceu em Burlington, Nova Jérsei, e cresceu nas proximidades do lago Otsego, ao norte de Nova York, uma região praticamente inexplorada na época. O convívio com desbravadores e índios, bem como com a natureza, nutriu o seu desejo de narrar aventuras, baseadas nas histórias dos mais velhos, que remontavam à vida na fronteira durante o período colonial.

Aos 30 anos de idade, Cooper publicou o seu primeiro livro, uma novela intitulada *The Pionners (Os Pioneiros, 1823)*, onde lançou o herói *Natty Bumppo*. A empatia do público norte-americano com este herói foi tanta, que levou o autor a retomá-lo em quatro outras novelas,

* Graduada em História - UFPB.

constituindo uma série de cinco obras, *Cooper's Leatherstocking Series*. As outras quatro são: *The Last of the Mohicans* (*O Último dos Moicanos*, 1826), *The Prairie*(1827), *The Pathfinder* (1840) e *The Deerslayer*(1841).

Mas foi mesmo *O Último dos Moicanos* que permitiu a Cooper romper fronteiras, ganhando fama internacional. Com traduções em várias línguas, o romance influenciou fortemente a literatura do século XIX em muitos países, inclusive no Brasil, tornando-se assim um clássico da literatura mundial. Sua aproximação com o período retratado e seu tom de aventura, mantiveram-no vivo entre os leitores de várias gerações e, mais de um século depois, em 1992, inspirou o filme homônimo do diretor americano Michael Mann, que registrou uma marca de bilheteria bastante favorável no ano de seu lançamento.

Entre os elementos que qualificam *O Último dos Moicanos* destaca-se o seu teor histórico, fornecendo dados para o entendimento do processo de colonização norte-americana, ou melhor, de uma fase marcante desse processo. Com personagens e lugares minuciosamente caracterizados, numa narrativa onde predominam a ação e o suspense, o livro mistura cuidadosamente ficção e realidade, dando noções precisas de tempo, espaço, comportamento, etc, que realçados pela imaginação, constituem a natureza épica da obra.

Através dos melindres de um estilo rebuscado, o leitor é introduzido no mundo vivido pelos homens das fronteiras e no conflito destes com os índios e franceses. O estado de guerra está declarado em todos os capítulos da obra, dando, para quem lê, a impressão de estar penetrando em um campo minado.

De um lado, os ingleses, vivendo um momento de pouca sorte na investida pela posse das terras à oeste das suas 13 colônias, no território norte-americano. Terra alcançada pela mobilidade dos fronteirços e que, entretanto, eram povoadas por índios, estando sob o domínio dos franceses. Estes, presentes há séculos no território, com fortalezas

erguidas por todo o vale do Mississipi, do Canadá até Nova Orleans, contavam com o apoio de quase todas as tribos da região, especialmente os Hurons ou Huronianos.

E, como se não bastasse o conflito entre os brancos, oriundos das duas grandes potências européias, há a briga entre brancos e índios e entre índios de tribos diferentes, pois os ingleses tinham também seus aliados de pele-vermelha.

Tais conflitos marcam a fase colonial do território hoje compreendido pelos Estados Unidos, mais especificamente em meados do século XVIII, embora o autor remonte a alguns fatos anteriores a este período. É a Guerra dos Sete Anos, uma época de sobrevivência difícil para os que haviam ficado à margem no processo de colonização da América do Norte: homens rústicos - os colonos das fronteiras - e homens de origem e culturas diferentes - os nativos indígenas. É época em que a terra, além de significar a garantia de sobrevivência, traduzia-se numa questão de honra para as nações enriquecidas com sua conquista e domínio.

A luta pela sobrevivência e pelo poder é então a tônica do *O Último dos Moicanos*, o próprio título já sugerindo as consequências da situação. Os Moicanos, povo nativo que habitava as proximidades do lago George e que foi arrancado de suas terras com a chegada dos brancos, exemplificam bem esta luta, tendo sido vítimas em potencial do processo de colonização. Estes índios, dispersos, foram desaparecendo até a total extinção. No livro, o autor aborda esta história, caracterizando entre os personagens principais dois moicanos, pai e filho, os últimos remanescentes do seu povo, representantes da resistência e da violência sofrida pelo índio na América.

Descritos como prolongamentos da natureza, os moicanos Chingachgook (A grande Serpente) e Uncas (O Alce Ligeiro) reúnem qualidades guerreiras, como coragem e bravura. Também, são tomados como profundos conhecedores da natureza e dos seus perigos. Mas, além desta visão romântica sobre os índios, o autor fornece um quadro de

informações sobre a organização tribal deste e de outros povos, fala de suas crenças e costumes, bem como argumenta sobre as razões que contribuíram para a briga entre os moicanos, seus parentes delawares e os índios das chamadas Seis Nações - confederação entre as tribos que ocupavam a região norte-ocidental da colônia de Nova York.

Além das suas tradicionais rivalidades, os indígenas tomaram partido entre os franceses e ingleses, até como forma de obterem proteção contra as armas longas, o fogo rápido daqueles que lhes foram mais hostis. Partindo daí, Cooper descreve um mundo indígena invadido, confundido entre os seus ideais e os interesses europeus. Contudo, se ele é condescendente e sensível à luta indígena, parece ser mais com aqueles que eram aliados ingleses. Isto se reflete na personificação do índio Magua (A Raposa Astuta), um huroniano que, preocupado em reconquistar o poder junto ao seu povo e para isso agindo a favor dos franceses, incorpora a ousadia e selvageria atribuída aos inimigos, assumindo uma caricatura do mal. Apesar disso, o livro dá margens à percepção da luta feroz deste índio para sobreviver, para se fazer respeitar, nem que para isso tivesse que se aliar aos outros brancos, não mais diferenciando entre os inimigos, aqueles com quem tinha uma identidade cultural.

Criticando o descaso da Grã-Bretanha com os colonos e soldados envolvidos na guerra contra a França, Cooper atribui a vitória posterior ao esforço destes e de seus aliados nativos. Fazendo uma inferência direta no texto, ele comenta:

“A imbecilidade de seus chefes militares no exterior e a fatal carência de energia de seu conselho de estado no país haviam rebaixado o caráter da Grã-Bretanha(...) Não mais temida pelos inimigos, seus filhos estavam perdendo rápido a confiança do auto-respeito” (pp.06).

Assim, não negando a sua origem, o autor exalta, através do herói Natty Bumppo, as qualidades daqueles que, para ele, construíram a América. “Olho de Águia”, como é chamado o herói, é um exímio caçador, ex-batedor da guarda inglesa, a representação idealizada dos homens das fronteiras. Sempre acompanhado dos seus amigos moicanos, o rústico fronteiriço é descrito como “um branco autêntico” que, mesmo lutando a favor da Inglaterra, inspira um desejo maior de liberdade, de reconhecimento à força dos colonos, já acenando com os ideais da luta de independência que ocorreu anos depois.

Em outras personagens, é possível vislumbrar mais valores e costumes da época, como a religião cristã, incorporada pelo cantor de salmos David Gamu, uma figura alegre, que tem como missão levar alento e salvação às almas daquele lugar que ele considera selvagem e, por isso mesmo, carente da palavra de Deus. Há ainda os oficiais ingleses, descritos ora como ingênuos, ora como destemidos e valorosos, autênticos representantes dos ideais ingleses, evidenciando um sentimento nacionalista. E, como causadoras imediatas das lutas que se seguem, as irmãs Cora e Alice, filhas de um general escocês que, perseguidas pelos franceses, recebem a proteção de Olho de Águia e dos moicanos. Cora, firme e reflexiva, ilustra o “espírito” paciente da luta, da dignidade e do sacrifício. Já Alice, alegre e frágil, é a caracterização do que é, para o autor, a alma feminina, bem como a recordação, para os soldados ingleses, do que é bom e belo no seu país.

Mostrando, portanto, os diversos mundo confrontados na realidade colonial, à medida que a aventura se desenrola o leitor pode observar outros valores e hábitos comuns à época, desde mentalidade, rituais de guerra, até armas, vestimentas, alimentos, etc. A construção deste quadro de caracteres e o olhar sobre as relações entre brancos e índios, tanto no que se refere à amizade entre eles, unidos pela necessidade de sobrevivência, como às rivalidade, fazem

de *O Último dos Moicanos* uma página interessante para aqueles que se debruçam sobre a história da América, ilustrando o que se conhece teoricamente e acumulando dados inclusive para compreensão da fase posterior à colonização, vislumbrando consequências que persistam na atualidade.

É preciso dizer que para quem está habituado com produções literárias mais recentes, certamente a leitura do *O Último dos Moicanos* tenderá a ser difícil, contudo, a um segundo olhar a riqueza de detalhes, esquecendo um pouco o tom de alguns diálogos e os requintes dos momentos de violência, é possível se deixar levar pela poesia refinada e melancólica do autor, sendo atingido por surpresas e emoções. Especialmente ao final, quando o leitor pode “se enxergar” contemplando a face do último dos moicanos, é inevitável não se envolver com o ritual de sepultamento, compartilhar a dor de um povo condenado à morte.

“Por que se lamentam meus irmãos ? (...) Quanto a mim, o filho e o pai de Uncas, sou um pinheiro marcado, em uma clareira de peles-brancas. Minha raça deixou as praias do lago salgado e as colinas das delawares. Mas quem pode dizer que a serpente da sua tribo esqueceu sua sabedoria ? Eu estou só...” (fala do índio Chingachgook, o último dos moicanos, pp.300).

Aliás, a morte, com todas as emoções e crenças que suscita, é o que fica de mais forte da leitura de *O Último dos Moicanos*. Ela sintetiza a complexidade do sistema de dominação escolhido e praticado pelos homens, nessa e em outras fases da história mundial. É uma história conhecida, mas que não é igual, pois sempre choca, surpreende, rompe limites. E, em torno desse tema, emparelha-se uma infinidade de outros sentimentos e valores, constitui-se o mistério perene das relações humanas.